

Com o capítulo 3 (pp. 47-94) somos introduzidos na «sala da verdade», cuja conotação maética se evidencia pelas cenas finais em que o monarca, já osirificado, é recebido pela deusa Maet. As «Cenas da “sala da verdade” (sala I)», numeradas de 10 a 25, iniciam-se com o abraço de Hathor a Horemheb (cena 10), o faraó venerando o deus Anúbis (11), apresentando dois vasos globulares com vinho a Ísis (12), venerando o deus Horsaiset (13), apresentando dois vasos globulares com vinho a Hathor (14), venerando Osíris «o que está à frente do Ocidente» (15), oferecendo unguentos a Ptah (16), recebido por Horsaiset e Hathor (17), apresentando dois vasos globulares com vinho a Anúbis (18), venerando Ísis (19), apresentando dois vasos globulares com vinho a Horsaiset (20), venerando Hathor (21), apresentando dois vasos globulares com vinho a Osíris (22), venerando Nefertum (23), e por fim Horemheb recebido por Maet (cenas 24 e 25). Aqui Horemheb tem o seu nome encartelado antecedido pelo título-nome de «Osíris-rei».

O capítulo 4 consiste no «Estudo iconológico das cenas» (pp. 95-114), chamando desde logo a atenção «a excessiva ordem e simetria que regem todas as composições». Depois será preciso ter em conta que os diferentes registos de cenas e fórmulas escritas «compunham em si mesmas um complexo protocolo mítico-jurídico destinado a reconhecer o direito do soberano a ser admitido como um deus no outro mundo». Sobre a cena culminante da recepção de Horemheb por Maet, no final da «sala da verdade» logo antes do acesso à câmara funerária, para a osirificação do soberano (que passa pela sua declaração de *maé-kheru*, ou justificado), sublinham os autores o aspecto dual da cena: são duas Maet que lá estão, numa visão dupla que se atesta também no percurso com a presença de Ré «senhor do universo» e Osíris «senhor do outro mundo».

Por fim vem um anexo com «Os nomes das divindades e seus epítetos no túmulo KV 57» (pp. 115-123) e a bibliografia (pp. 125-128).

Luis Manuel de Araújo

RUTH SCHUMANN ANTELME e STÉPHANE ROSSINI, *Les Secrets d'Hathor. Amour, érotisme et sexualité dans l'Égypte pharaonique*, Mónaco, Éditions du Rocher, 1999, 281 pp. + desdobrável. ISBN 2 268 03378 3

Após os trabalhos, em grande medida pioneiros, de Philippe Derchain nos anos setenta do século XX, desenvolvidos depois, entre outros, pelos aliciantes estudos de Lise Maniche (com destaque para o seu *Sexual Life in Ancient Egypt*, Londres, 1987), esta nova obra vem

sobretudo, mais que completar, ilustrar os textos já publicados. Para tal muito contribuem as excelentes ilustrações de Stéphane Rossini que estão presentes em quase todas as páginas do volume.

Na Introdução (pp. 11-12) propõem-se os autores abordar uma temática que não tinha ainda merecido publicação em livro para os leitores de língua francesa. Não faltam documentos egípcios de timbre erótico ou erotizante, ou mesmo, num outro estádio, de características pornográficas, «mais il faut savoir les “lire”». Os mais importantes são, de acordo com os autores, as imagens e as inscrições dos templos, a que se juntam imagens e textos de óstracos, papiros, e as informações dos autores greco-romanos (estas de difícil comprovação). Mas será preciso, antes de mais, «se tourner vers ce modèle divin qui concerne la création de l'univers», dado que os letrados do antigo Egipto fizeram apelo à mais forte motivação de todos os seres vivos: o instinto de reprodução.

O cap. 1 apresenta a sexualidade como «motor do mundo divino» (pp. 13-65), abrindo com a criação do universo segundo os mitos de Heliópolis (a masturbação de Atum) e de Hermópolis (o ovo primordial e a Ogdóade de Tot). Aos filhos cósmicos do demiurgo heliopolitano juntam-se os «deuses malditos» do espaço-tempo concebidos por Nut para assim se completar a Enéade. Com Osíris, Ísis, Set e Hórus engendram-se as peripécias do ciclo osírico, de onde emerge a dramática luta de Hórus (o bem) contra o pérfido Set (o mal). O capítulo vai completar-se com as alusões à tríade menfita de Ptah (criador do universo pela força da palavra), Sekhmet e Nefertum, o Olho de Ré, o mito da Longínqua e a destruição da humanidade, Amon tebano (o Escondido) e Hathor, deusa com formas e atributos variados e um impressionante repertório de epítetos.

O cap. 2 introduz «A sexualidade do mundo humano» (pp. 67-88) com referências ao quadro socio-legal do Egipto, aqui avultando os costumes e as leis, o casamento e as representações teogâmicas, o «rei-deus» e a grande esposa real (*hemet-nesu ueret*), as questões concernentes à monogamia e poligamia, o harém real, a fidelidade e o adultério, a violação, a transmissão das heranças, o divórcio e o novo casamento, os casamentos incestuosos e consanguíneos, enfim, o amor entre os esposos. A sexualidade e a pureza ritual, o harém terrestre do demiurgo, e considerações sobre a prostituição rematam o capítulo.

Segue-se «Amor, erotismo e sexualidade na literatura» (cap. 3, pp. 89-115), onde os sarcasmos, insultos e blasfémias (que se detectam mesmo nos velhos «Textos das Pirâmides») antecedem a literatura moral de célebres letrados como Ptah-hotep (aqui considerado como remontando ao Império Médio), e a poesia de amor e literatura erótica

com apresentação e comentário de alguns poemas líricos que desabrocharam no Império Novo.

O cap. 4 evoca «O código de amor» (pp. 117-165) patenteado na arte figurativa, da arte real à «arte civil oficial» e à «arte figurativa livre». Quanto aos componentes e auxiliares do código de amor, eles buscaram-se nos cinco sentidos bem representados em diversas cenas (vista, audição, cheiro, gosto e tacto), na música e na dança, nos sempre solicitados afrodisíacos, na magia e nos amuletos.

Com o cap. 5 somos introduzidos no âmbito da «medicina e sexualidade» (pp. 167-174), cujas fontes principais se encontram nos papiros médicos, merecendo destaque no texto a ginecologia e obstetrícia e as doenças venéreas. As mutilações sexuais são um aspecto abordado e com pertinência: sabe-se que a circuncisão masculina era efectuada e o acto está documentado em cenas tumulares e não em papiros médicos. De onde se pode concluir que tal prática tinha um carácter ritual (iniciação?) e não meramente medicinal. Quanto à circuncisão feminina (excisão) não está documentada.

O cap. 6 revela-nos algumas «Práticas sexuais particulares» (pp. 175-187), como a homossexualidade masculina e a feminina, atestadas por várias imagens, salientando-se que sobre «outras práticas» não estamos suficientemente documentados (o coito anal e a felação). E se a pedofilia não está atestada parece haver indícios de necrofilia.

O famoso mas reservado *Papiro Pornográfico de Turim* (o *Papiro 50001*, aqui designado como «papiro erótico de Turim»), ocupa várias páginas (189-205), com boas ilustrações, umas reproduzindo os desenhos do próprio papiro outras recriando em traço seguro e elegante as movimentadas cenas. As conhecidas e indecorosas imagens repetem-se nas páginas finais do livro em fundo negro.

O conjunto de cenas que compõem o papiro, publicado pela primeira vez em 1973 com o texto hierático que legenda as imagens, pode ser dividido em doze cenas em que os pares se ocupam em relações sexuais por vezes acrobáticas e um tanto irónicas. Há cenas de coito por trás (sequência 1, estando os parceiros de pé e a mulher numa pose arqueada; e sequência 2, com a mulher sobre um carro ligeiro de varal e com o homem de pé) e pela frente (sequência 3, com a mulher sentada num banco e manipulando o falo do homem que está de pé; sequência 5, com o homem de pé e segurando ao colo a mulher; sequência 10, a mulher deitada sobre um colchão e passando as pernas pelos ombros do homem; sequência 11, com a mulher apoiada só num pé e o outro sobre a cabeça de um homem também de pé; e sequência 12, com os parceiros copulando sobre um plano inclinado). Há preparativos para o coito (sequência 4, com o homem avançando

de joelhos; sequência 8, com o homem deitado no chão de falo erguido e a mulher arqueada por cima preparando-se para a junção). A sequência 9 representaria, para Antelme e Rossini, o coito anal, enquanto as cenas de exaustão se patenteiam na sequência 6 (um homem debaixo da cama a ser reanimado pela mulher) e na sequência 7 (um homem de falo pendente levado em braços por três damas).

Segue-se a breve Conclusão de uma só página (p. 207), onde se exalta a deusa Hathor nos seus muitos e variados epítetos como «l'énergie sous-jacente et omniprésente de l'histoire de l'Égypte depuis ses lointains débuts jusqu'à la fin».

Uma cronologia simplificada ocupa as pp. 209-210, dividindo-se a secção final de Glossários em nomes de divindades (pp. 211-224), nomes de lugares (pp. 225-227), e nomes comuns (pp. 228-231), após o que nos é oferecida uma lista de termos relativos ao amor e à sexualidade (pp. 233-249).

O volume termina com as notas (pp. 251-265), a bibliografia (pp. 267-270) e o índice remissivo (pp. 271-277), fechando-se com o sumário (pp. 279-281).

Luís Manuel de Araújo

ESTHER PONS MELLADO, *La Explotación de los Metales en el Antiguo Egipto*, Cuadernos de Egiptología Mizar, 6, Barcelona, Librería Mizar, 2000, 81 pp.

O presente volume, mais um dos Cuadernos de Egiptología Mizar, dirigidos e dinamizados por Salvador Costa Llerda, trata de um tema que, à partida, não é muito «simpático» para os egiptólogos. E esta é uma razão para saudar o seu aparecimento, capaz de enriquecer o relativamente diminuto lote de obras consagradas aos aspectos técnicos e produtivos do Egipto faraónico.

A sua autora, Esther Pons, que há três anos concluiu a sua tese de doutoramento sob a orientação de Josep Padró, da Universidade de Barcelona, é conservadora do Ministério da Cultura no Museo Arqueológico Nacional, em Madrid, estando as suas actividades ligadas mais de perto à colecção de antiguidades egípcias. O título da sua tese, *Los Metales en el Egipto faraónico: medios de obtención, manufactura y valor religioso*, apresentada com êxito na Universidade de Barcelona, e que se mantém inédita, relaciona-se de perto com o texto agora impresso, dividido em quatro capítulos que o sucinto índice da p. V regista. Antes porém surge um texto de apresentação redigido por Josep